

Editorial

Quando Hyeronimus Bosch pintou *A extração da pedra da loucura*, acreditava-se que a insanidade era causada por uma pepita no cérebro. A cura era a retirada daquele corpo estranho e a felicidade parecia ao alcance da mão. Mas o pintor flamengo vivia o final do século XV e metade do mundo sequer era conhecido. A medicina engatinhava e os mistérios do cérebro e da razão povoavam a imaginação humana.

Quinhentos anos depois, a loucura já se apresenta de outra forma para a ciência, o planeta viu reduzir as suas distâncias e médicos conhecem cada vez mais a estrutura cerebral. Estamos longe da panacéia universal, do paraíso do Éden, mas os avanços são evidentes. Esses avanços só foram possíveis graças à ousadia, à curiosidade e ao engenho humanos. Foi preciso formular perguntas, pesquisar e experimentar para que o homem alcançasse os estágios atuais. E é justamente este o espírito desta edição da **Contrapontos**.

O volume 6 número 3 chega às mãos dos leitores com um conjunto de artigos que espelha as relações entre pesquisa e ensino e suas constantes retro-alimentações. Neste sentido, a escolha de *A extração da pedra da loucura* para o destaque na capa não foi à toa. O quadro de Bosch retrata o entendimento de uma época, satiriza a medicina e, ainda, oferece uma alegoria à busca do essencial, do relevante e do original. Tal como fazem os cientistas, ainda hoje, com inteligência e talento.

Abrimos o dossiê “Ensino e Pesquisa: retro-alimentações” com Luz e Gesser em sua investigação acerca da relevância da pesquisa na formação dos educadores. Para as autoras, o estudo pode sinalizar indicadores específicos para alterações curriculares que visem à formação de professores mais reflexivos e críticos, capacitados para a pesquisa.

Na mesma esteira de preocupações com a pesquisa e a formação de professores, Monteiro apresenta um levantamento das tendências na produção científica em arte-educação nas universidades brasileiras na década que une 1995 a 2004. O artigo esboça o *estado da arte* do campo e, ainda, se questiona se o modelo da proposta triangular de ensino da arte tem futuro.

Ainda mantendo o foco sobre o professor, o artigo de Abreu debruça-se sobre a atuação do coordenador em situações de conflito na escola pública. Síntese de sua dissertação de mestrado, o texto exemplifica como a pesquisa científica pode abastecer as práticas do ensino e as relações tecidas no ambiente escolar, e delas extrair motivações para a investigação em educação.

O artigo de Ramos é outro exemplo dessa retro-alimentação. Sua abordagem se dá sobre os recursos de acompanhamento e de controle dos alunos em Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), salientando estratégias técnicas e pedagógicas.

De uma perspectiva panóptica (onde tudo é visível), passamos ao seu oposto, o estado da opacidade, da invisibilidade. Freire mostra quais são as representações sociais de professores dos ensinos regular e especial acerca de alunos com cegueira. Os resultados da pesquisa mostram certa convergência por parte das percepções dos dois tipos de professores, associando cegueira à dificuldade, proximidade que pode catalisar o reforço de preconceitos. Neste caso, cegueira rima com estrabismo.

Mello, Cordeiro e Teixeira sublinham as condições e as contradições que cercam o processo de ensino-aprendizagem, tendo como ponto de referência a pedagogia freireana. Os autores preocupam-se com uma asfixiante sociedade de consumo que enfatizaria o instrucionismo de espírito tecnicista. A isso, propõem uma aprendizagem regida por um caráter construtivo-político.

Reforçando o apelo, Jimenez, Fraga e Santos fecham o dossiê “Ensino e Pesquisa: retro-alimentações”, debruçados sobre os mitos que sustentariam a chamada Sociedade Tecnológica ou do Conhecimento. Como contraponto, os autores reafirmam a necessidade de a tecnologia promover a emancipação do humano ao invés de contribuir para a acumulação capitalista, a concentração de bens e o aprofundamento das diferenças sociais.

* * *

Para além de seu eixo temático, esta edição da *Contrapontos* oferece artigos de outras tonalidades. Com aportes foucaultianos, Stübe Netto assinala como os processos de nomeação podem redundar em diferentes formas de assujeitamento. Sua pesquisa se apóia em entrevistas com

professores de Língua Portuguesa em localidades de imigração italiana e alemã no oeste catarinense.

Backes, Baquero e Pavan, por sua vez, enfocam outro capítulo das relações de saber e poder, sediadas nos regimes de uma cultura meritocrática na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Na seção Reflexões Acadêmicas, a perspectiva desenhada persiste na ligação de saberes e poderes no ambiente escolar. Bertoldi investiga as relações de poder no entremeio do ensinar e aprender, enquanto que Gonçalves concentra-se na chamada pedagogia libertária para refletir sobre uma vertente anarquista da educação.

Preocupada com o papel da escola na formação do cidadão, Medeiros discute cidadania, formação crítica e emancipação na Seção do Professor, enquanto Seligman resenha a obra de Guareschi e Biz que tenta decifrar o que dizem os meios de comunicação de massa.

Para fechar a edição e o ano, entrevistamos o professor Yves de La Taille, da Universidade de São Paulo, um dos mais proeminentes e respeitados pesquisadores da Psicologia Moral brasileira. Em nosso diálogo, foram abordados temas como os valores na escola, a educação moral, a vergonha e as dimensões intelectuais e afetivas no plano ético. Assuntos tão intrigantes quanto as pinturas do velho Bosch.

Boa leitura!

Comissão Editorial

contrapontos@univali.br